



JORNAL DO ENGENHEIRO

Agrônomo

ANO 52, Maio /Junho de 2022, nº 325



Entrevista:
Francisco Matturro,
novo secretário
de Agricultura e
Abastecimento
do Estado de
São Paulo

Culturas
Mercado para a
piscicultura tem
perspectivas
promissoras



**EM SUA 50ª EDIÇÃO,
CERIMÔNIA DEUSA CERES
CONSAGRA OS
PROFISSIONAIS DA
AGRONOMIA**

06

Capa
50ª Edição
da Deusa Ceres



FOTO: JOSÉ TEIXEIRA FILHO



FOTO: DIVULGAÇÃO

Apesar dos reflexos negativos que a pandemia ainda traz para o mundo todo e do retorno do aumento da contaminação em muitos lugares, podemos dizer que a vida vai voltando ao normal. Em 27 de abril, após três anos sem realizar a Cerimônia Deusa Ceres nas dependências do Centro de Cana, do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), em paralelo com a Agrishow, voltamos a Ribeirão Preto.

Além do entusiasmo de voltarmos ao local que tão bem nos acolhe e de encontrar amigos e poder exaltar a agronomia e os profissionais que exercem essa nossa profissão tão importante e necessária, celebramos uma data especial, os 50 anos da Cerimônia Deusa Ceres.

Em 1972, o admirável colega Cláudio Braga Ribeiro Ferreira, como presidente da AEASP, criou o Troféu Deusa Ceres. E, de lá para cá, foram muitos os homenageados e, a cada edição do evento, evidencia-se a importância de continuarmos com esse evento, que tem como intuito dar visibilidade aos profissionais da engenharia agrônoma, incentivar e valorizar a atividade. Produzimos um vídeo institucional, que está à disposição no canal do Youtube da AEASP, o AEASP Nova Geração, com os momentos marcantes da solenidade ao longo destas cinco décadas.

A AEASP está atenta às necessidades da classe e, sabemos, conteúdo de qualidade e conhecimento é uma das demandas em todas as áreas, por isso a associação tem realizado uma série de palestras, on-line e presenciais, com especialistas em diversos segmentos ligados à atividade agrônoma. Este é um dos nossos compromissos.

Também destaco que, em abril, escolhemos os nomes do Conselho Consultivo, instância superior formada por profissionais seniores, que tem como papel colaborar com a Diretoria Executiva da entidade para pensar no nosso dever ser e em nossas metas. Nosso objetivo é estarmos cada vez mais alinhados com as expectativas dos nossos atuais e futuros sócios e em consonância com as demandas da sociedade.

Nesta edição do , como não poderia deixar de ser, trazemos uma cobertura da Cerimônia Deusa Ceres e também uma entrevista com o novo secretário de Agricultura e Abastecimento de São Paulo, Francisco Maturro, além de uma matéria sobre as perspectivas da piscicultura e muitos outros conteúdos.

Boa leitura!

Henrique Mazotini

é presidente da Associação de Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo (AEASP)

Notícias Agro	03
AEASP Conselho Consultivo	04
Artigo A voz dos aplicadores	05
Conselho em Pauta	11
Entrevista Francisco Maturro	12
Culturas Piscicultura	14
Eventos AEASP	18
Parabólica	22

Casal de engenheiros agrônomos recebe Medalha de São Isidro

O casal de engenheiros agrônomos Angelo Petto Neto, ex-presidente da AEASP e atual presidente do Conselho Deliberativo da entidade, e Ana Maria Petto foram agraciados com a Medalha de São Isidro, em Madri, na Espanha, no dia 19 de maio de 2022. Os engenheiros foram homenageados em cerimônia realizada durante a missa celebrativa aos 400 anos da santificação de São Isidro, na Igreja de São Isidro, ocorrida no dia 19 de maio de 2022.

Canonizado em 1622, pelo papa Gregório XV, São Isidro é considerado o protetor dos agricultores e um dos padroeiros da cidade de Madri. Reza a lenda que esse Santo possuía o dom de encontrar água facilmente. A homenagem foi realizada pela Confraria de San Isidro, a qual congrega somente engenheiros agrônomos. Com a condecoração, Angelo Petto Neto e Ana Maria Petto passam à condição de confrades.



FOTO: DIVULGAÇÃO

Programa Milho+ SP para ampliar produção do grão

Com o objetivo de buscar a autossuficiência na produção do grão até 2030, o Programa Milho+ SP tem a expectativa de impactar 100 mil agricultores e abranger área de um milhão de hectares. A meta é ampliar a produção em larga escala do grão no Estado de São Paulo em 7,7 milhões de toneladas por ano para chegar a 11 milhões de toneladas anuais. O foco do programa está em regiões com potencial agrícola e gap de produtividade.

Pesquisa feita pela consultoria Horizon Company aponta que o Estado de São Paulo produz 3,3 milhões de toneladas de milho e consome 8,9 milhões de toneladas aproximadamente. A diferença (de 5,6 milhões de toneladas)

é suprida por grãos vindos de outros Estados. O estudo mostra ainda que, dos 15,8 milhões de hectares disponíveis para lavoura do Estado, 5,4 milhões de hectares estão ocupados pelo cultivo de cana-de-açúcar.

A iniciativa é do executivo paulista, por meio da Secretaria de Agricultura e Abastecimento, da Associação Brasileira dos Produtores de Milho (Abramilho) e das empresas Corteva Agriscience, Valtra (marca do Grupo AGCO) e Yara Brasil. Lançado durante a Agrishow 2022, o programa prevê o fomento à adoção de tecnologias em pequenas propriedades para o aumento da produção local



e à produção do milho por grandes empresas do agronegócio instaladas no Estado.

O Milho+ SP iniciará no noroeste do Estado por apresentar maior aptidão e cenário positivo em logística, clima e mercado consumidor. A iniciativa consolida um ecossistema de produtividade, que envolve diferentes etapas como conhecimento agrônomo e manejo ideal para a lavoura, adoção tecnológica em insumos e em equipamento/maquinário, acesso ao crédito e ao seguro, treinamentos e conexão com indústrias e traders para escoar a produção.

FOTO: ISTOCK

O impacto dos novos algoritmos nas imagens de satélite

Pesquisadores da Embrapa Meio Ambiente (SP), da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (Poli-USP) desenvolveram uma série de novos algoritmos que aprimoram a classificação de imagens de satélite. Um dos principais diferenciais é a facilidade em processar imagens multiespectrais (com várias bandas) conferindo medidas quantitativas e qualitativas aos alvos na superfície terrestre de forma mais simplificada do que métodos de classificação tradicionais.

A ideia principal é prover métodos mais acurados e de simples utilização para o monitoramento remoto de larga escala, utilizando sensores satelitais ou mesmo imagens aerotransportadas, como veículos aéreos não tripulados, e que demandam métodos de classificação computacionalmente cada vez mais eficientes. Por exemplo, os algoritmos fornecem medidas que ajudam a mapear os níveis de alteração oriundos das mudanças nos estádios (diferentes fases) da vegetação.



FOTO: ISTOCK

Tecnologia para inibir ação dos javaporcos

A startup Mão na Mata cria armadilha que evita ataque de javaporco nas plantações. Com o apoio do Centro de Inovação, Empreendedorismo e Tecnologia (Cietec), incubadora da Universidade de São Paulo (USP), e financiamento da Fundação de Amparo à

Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), a startup desenvolveu a Javali 4.0. Pensada para ser utilizada tanto pelos proprietários rurais quanto pelas agroindústrias e cooperativas agrícolas, a armadilha conta com uma tripla camada de rede de nylon, capaz de resistir às

investidas dos animais, e um bloqueio superior contra pulos. Ao identificar os animais de uma região com câmeras, os animais são atraídos pelo milho, que fica dentro de uma estrutura semelhante a um curral.

*Fonte: Globo Rural

Conselho Consultivo da AEASP

Profissionais com larga bagagem no mercado assessoram a Diretoria Executiva da associação

Desde abril, o engenheiro agrônomo João Sereno Lammel está na liderança do Conselho Consultivo da Associação de Engenheiros Agrônomos de São Paulo. O conselho tem como finalidade assessorar a Diretoria Executiva da entidade.

Esse órgão é formado por ex-presidentes da associação, por "Engenheiros Agrônomos do Ano" e outros profissionais de expressão no meio agrônomo.

Lammel é ex-presidente da AEASP e da Associação Nacional de Defesa Vegetal (An-def), foi também vice-presidente do Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Vegetal (Sindiveg) e atual vice-presidente de Relações Institucionais da mesma entidade, também atua como conselheiro e consultor de grandes empresas, nacionais e internacionais.

No Conselho Consultivo da AEASP, ele lidera o grupo, formado por mais quatro membros, igualmente qualificados. João Rando, presidente do Instituto Nacional de Processamento de Embalagens (inpEV); Ivan Wedekin, diretor da Wedekin Consultores e coordenador técnico da Rede Paolinelli; Jeffrey Abrahams, empreendedor, especialista em recursos humanos e sócio-gerente da Fesap, holding das empresas Fesa, Asap Recruiters e Fesa Advisory e Pedro Paulo Ananias Pio, consultor na área de crédito rural de grandes instituições financeiras.

Entre as atribuições do Conselho Consultivo estão o assessoramento da Diretoria Executiva na tomada de decisão sobre assuntos de relevância para a agropecuária, para o agronegócio ou para a sociedade, em especial sobre temas que não estão contemplados pelos objetivos, mas que requerem uma estratégia de ação diferenciada por parte da AEASP.

Outra incumbência é atuar como assessoria e consultoria, sugerindo ou recomendando linhas de ação e diretrizes gerais para a Diretoria Executiva elaborar seus planos e programas.

O mandato de Lammel e demais conselheiros é de três anos, a mesma duração de mandato da Diretoria Executiva. O órgão se reúne uma vez por ano e, extraordinariamente, a critério do presidente da Diretoria Executiva, que detém a prerrogativa de instalar o Conselho Consultivo.



João Sereno Lammel



Pedro Paulo Ananias Pio



Ivan Wedekin



Jeffrey Abrahams



João Cesar Rando



Associação de Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo
http://www.aeasp.org.br

Filial à Confederação das Associações de Engenheiros Agrônomos do Brasil

JORNAL DO ENGENHEIRO
Agrônomo

Órgão de divulgação da Associação de Eng. Agrônomos do Estado de São Paulo

GESTÃO PARA O TRIÊNIO 2022/2024

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente Henrique Mazotini
Vice-Presidente Carlos Gomes dos Santos Cortes

Diretora Administrativa Ana Meire Coelho Figueiredo
Diretora Administrativa Adjunta Francisca Ramos de Queiroz
Diretor Financeiro Celso Roberto Panzani
Diretor Financeiro Adjunto José Eduardo Abramides Testa
Diretora de Comunicação Social Tais Tostes Graziano
Diretora de Atividades Promocionais Waldenilza Monteiro Vital Alfonsi
Diretor de Valorização Profissional Luis Roberto Graça Favoretto
Diretor de Valorização Profissional Adjunto Glauco Eduardo Pereira Cortez
Diretora de Valorização Profissional Adjunta Gisele Herbst Vazquez

CONSELHO DELIBERATIVO

Aldir Alves Teixeira
Angelo Petto Netto
Arlei Arnaldo Madeira
Arnaldo Antonio Bortoletto
Daniel Antonio Salati Marcondes
Décio Zylbersztajn
Fernando Gallina
Guilherme Luiz Guimarães
José Augusto Maiorano
Luiz Antonio Pinazza
Pedro Shigueru Katayama

CONSELHO FISCAL TITULARES:

Celso Luiz Rodrigues Vegro
Diogenes Kassaoka
Renata Írde Longo

Suplentes:

Benedito Eurico das Neves Filho
Cássio Roberto de Oliveira

JORNAL DO ENGENHEIRO AGRÔNOMO

CONSELHO EDITORIAL

Tais Tostes Graziano (Coordenação)
Adriana Mascarette Labinas
Ana Meire C. Figueiredo
Gisele Herbst Vazquez
Guilherme Luiz Guimarães
João Sereno Lammel

Secretária

Alessandra Copque

Jornalista Responsável:

Adriana Ferreira (MTB 42376)

Produção: Acerta Comunicação

Revisão: Verônica Zanatta

Diagramação: iaiáDesign

Projeto Gráfico: Janaina Cavalcanti

Foto da Capa: istock

Tiragem

3 mil exemplares

Os artigos assinados e opiniões expressas nas matérias e entrevistas deste veículo não refletem necessariamente os posicionamentos da Associação de Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

A vez dos aplicadores

*Tulio Teixeira de Oliveira

Em outubro de 2021, o Decreto 10.833 incluiu importantes tarefas no Decreto 4074/2002. Dessas tarefas, três merecem ser destacadas: (a) Sistema Globalmente Harmonizado – GHS; (b) Priorização para registro de agrotóxicos; (c) Registro de aplicadores nos órgãos estaduais.

O GHS já vinha sendo trabalhado pela Anvisa e, certamente, só alguns ajustes serão necessários para a classificação e rotulagem dos produtos químicos. A priorização para registros também já vinha sendo testada, com a escolha de pedidos de registro considerados mais importantes por um grupo de especialistas e, agora, de uma maneira mais técnica, mas sem esconder que o procedimento apressa uns e atrasa outros pleitos.

Ou seja, a alcaparra não pode esperar por esforços das empresas para incluí-la em um de seus possíveis produtos, pois sua expressão econômica-fitosanitária não é relevante. Entramos na era da liberdade conduzida.

Este redator já escreveu um artigo a respeito, a solução das filas de registro não é priorizar, é bem simples, basta contratar mais técnicos para analisarem os processos. Em março de 2022, foi editada a Portaria 410, com instruções para um programa de capacitação de aplicadores de agrotóxicos e afins. Esse sim é um projeto digno de nossa admiração.

Os erros de aplicação promovem controle duvidoso das pragas e se transformam, não raro, em intoxicações ambientais e à saúde humana. É uma situação convivida a dezenas de anos, sempre dando material à mídia para demonizar os agrotóxicos. Não adianta acusar a mídia de exagerada, ela jamais vai entender com profundidade os benefícios dos agrotóxicos. A mídia, em grande escala, é urbana e não rural.

Em geral, nas médias e grandes propriedades, a administração conta com a presença de técnicos que podem dar atenção aos aplicadores, além de suas demais tarefas. O território brasileiro tem a dimensão de 851,5 milhões de hectares. Já o Brasil rural ocupa 351 milhões de hectares, um pouco mais de 40% do país. Ao todo são 5 milhões de propriedades rurais.

As pequenas propriedades, cerca de 3,8 milhões de estabelecimentos, somam 81 milhões de hectares, ou seja, 23% do total da área rural. E aí reside a maior parte dos problemas relativos à aplicação de produtos.

A variedade de tarefas a cumprir em uma propriedade com lavouras é de tal monta que a última coisa que o dono se preocupa é com a aplicação de produtos. E aí acontecem os erros.

Não há preocupação com as altas temperaturas du-



FOTO: DIVULGAÇÃO

rante as aplicações, o que tende a minimizar o benefício dos produtos. A velocidade dos ventos não é aferida, o que importa é terminar a tarefa, e haja deriva.

Os maquinários aplicadores e suas barras e bicos foram sendo aperfeiçoados ao longo das décadas, mas os aplicadores não, sempre foram deixados a “adaptarem-se”, pergunta daqui, pergunta dali, é o aprendizado.

E pensar que nesse caso o produto aplicado é tóxico, o que requer atenções continuadas no abastecimento e no transporte, e procedimentos específicos na limpeza, manutenção e desmonte de peças.

É uma atividade em que medidas de prevenção de acidentes devem ser incorporadas e ativadas ao longo da jornada, inclusive, para evitar futuras anormalidades na saúde. O perigo é de tal monta, e traiçoeiras por não serem percebidas de imediato, que as normas trabalhistas prescrevem, obrigam o uso de equipamento individual de proteção.

E as regras de proteção não são apenas para o próprio trabalhador, mas também para preservar o ambiente no entorno, evitando, por exemplo, contaminações em reservatórios de água, naturais ou não.

Toda essa carga de conhecimento carece realmente de treinamento, de tempos em tempos, como pretende o novo programa incrementar na rotina rural. Os trabalhadores e suas famílias agradecerão. 🐦

*Tulio Teixeira de Oliveira é engenheiro agrônomo
www.aenda.org.br / aenda@aenda.org.br

A = ENDA
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
DEFENSIVOS PÓS-PATENTE

Meio século de reconhecimento aos engenheiros agrônomos

Em grande estilo, a AEASP realiza a 50ª edição da Deusa Ceres e cumpre com sua missão de consagrar os profissionais da agronomia

Por Adriana Ferreira

Na tarde de 27 de abril de 2022, a Associação de Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo (AEASP) realizou a 50ª edição da Cerimônia Deusa Ceres, que premia anualmente os engenheiros agrônomos com atuações destacadas em diferentes segmentos da agropecuária.

Em celebração ao seu jubileu de ouro, no início do evento, a organização do evento exibiu um vídeo com as imagens das solenidades e de seus homenageados ao longo dessa meia década. A cerimônia também contou com a participação do engenheiro agrônomo, violeiro e poeta Fabricio Vergueiro Bennatti, que executou, ao vivo, canções regionais e declamou o Credo dos engenheiros agrônomos.

Em seu discurso de boas-vindas, o



FOTOS: JOSÉ TEIXEIRA FILHO

presidente da AEASP, Henrique Mazotini, saudou os presentes e destacou a importância do prêmio que, em cinco décadas, vem cumprindo com a função de evidenciar e valorizar o trabalho do engenheiro agrônomo. E afirmou: "Nada mais justo que homenagear engenheiros agrônomos que fizeram do seu esforço, do seu desprendimento e do seu conhecimento técnico importantes contribuições para o desenvolvimento da agropecuária nacional, principalmente para a produção de alimentos".

Na ocasião, foram entregues as láureas aos profissionais eleitos em 2021 pelos conselhos deliberativo, fiscal e diretoria executiva da AEASP, após análise dos currículos dos engenheiros agrônomos in-



O Engenheiro Agrônomo do Ano, Evaristo Eduardo de Miranda, segura o troféu da Deusa Ceres, ladeado pelo ex-ministro da Agricultura Roberto Rodrigues e pelo presidente da AEASP, Henrique Mazotini

PATROCINADORES

A Cerimônia **Deusa Ceres** em Ribeirão Preto (SP) é fruto da parceria bem-sucedida entre a AEASP e várias organizações patrocinadoras, a quem a AEASP agradece.

abisolo

AEAARP

AENDA
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
DEFENSIVOS POS-PATENTE

agroceres

dicados pelos associados e instituições públicas e privadas.

O evento reuniu cerca de 200 convidados no auditório do Centro de Cana do IAC, em Ribeirão Preto (SP), entre autoridades, profissionais da agronomia, produtores rurais, empresários e executivos, além de familiares e amigos dos premiados.

Destacaram-se as presenças do ex-ministro da Defesa e relator do Código Florestal, Aldo Rebelo; do ex-ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e coordenador do Centro de Estudos do Agronegócio (FGV Agro), Roberto Rodrigues; do ex-ministro do Meio Ambiente Ricardo Sales, do ex-secretário de Agricultura Arnaldo Jardim e diversos representantes de organizações empresariais, classistas e setoriais.

Antes de dar início à entrega dos laureados da Deusa Ceres, a AEASP fez uma homenagem à Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo (SAA) por seus 130 anos. O subsecretário da pasta, Orlando de Melo Castro, subiu ao palco para receber a honraria em nome do secretário de Agricultura, Francisco Matturro. Após os agradecimentos, Castro enfatizou: "Os 130 anos da Secretaria de Agricultura realmente é um marco, sendo uma das mais antigas secretarias do governo do Estado, não mais antiga do que o Instituto Agrônomo, que está dentro da Secretaria e que completa 135 anos, sendo uma glória da pesquisa nacional e internacional".

Destaques

Os mestres de cerimônia Waldenilza Monteiro Vital Alfonsi, diretora de Atividades Promocionais da AEASP, e Glauco Eduardo Cortez, diretor adjunto de Valorização Profissional, iniciaram as entregas dos prêmios com os destaques. Na categoria Comunicação Rural, o contemplado foi o jornalista Carlos Alberto da Silva, conhecido no meio agro como Carlão, e, na categoria Empresa do Agro-



A AEASP homenageou a Secretaria de Agricultura e Abastecimento por seus 130 anos. O subsecretário da pasta, Orlando de Melo Castro, subiu ao palco para receber a honraria das mãos do presidente da AEASP, Henrique Mazotini, e do presidente do Conselho Deliberativo da entidade, Angelo Petto Neto



João Sereno Lammel, ex-presidente da AEASP, entrega a laurea de Destaque em Comunicação Rural para o jornalista Carlos Alberto da Silva, o Carlão



Os engenheiros agrônomos, sócios da Herbae Consultoria e Projetos Agrícolas, Tiago Pereira Salgado e Marcos Antonio Kuva, receberam do diretor de Valorização Profissional da AEASP, Luis Roberto Graça Favoretto a placa de Destaque Empresa do Agronegócio



Guilherme Luiz Guimarães, membro do Conselho Deliberativo da AEASP faz a entrega da medalha a Carlos Eduardo Pellegrino Cerri, premiado na categoria Ação Ambiental

negócio, a empresa Herbae Consultoria e Projetos Agrícolas foi a escolhida, representada pelos sócios Tiago Pereira Salgado e Marcos Antonio Kuva.

"Esse prêmio representa 33 anos de dedicação exclusiva ao agronegócio e eu me sinto ainda mais valorizado porque a lista dos homenageados é realmente "a prateleira de cima" do agronegócio", essas foram as palavras iniciais de Carlão.

Ele completou: "A profissão que mais entrevistei no meu programa foi a do engenheiro agrônomo. Receber este prêmio de vocês é uma honra pelo reconhecimento de meu trabalho, por isso quero aqui devolver esta homenagem, porque quem a merece são todos vocês, engenheiros agrônomos".

Os engenheiros agrônomos e sócios da Herbae subiram ao palco para receber seu prêmio. Kuva lembrou a trajetória que percorreu nos últimos 18 anos, após tomar a decisão de abrir a empresa com o amigo e sócio, ao qual agradeceu pela dedicação na direção da empresa. Ele exaltou o papel da família e da universidade onde ambos estudaram, Unesp Jaboticabal, e agradeceu também aos seus funcionários, clientes e aos antigos empregadores. "A gente resolveu transformar esse conhecimento, esta ciência, em negócio. E, graças a Deus, chegamos até aqui", sintetizou.

Salgado retribuiu as palavras do colega e acrescentou: "Toda a dedicação e trabalho me levaram a me apaixonar pela agricultura. Tivemos muitas oportunidades e dificuldades, muitas coisas boas, e essa homenagem nos dá muito mais energia para continuar trabalhando em prol da agricultura, para continuar com dedicação extrema, porque a agricultura merece superar todos os desafios que temos pela frente".

Os medalhistas da agronomia

Carlos Eduardo Pellegrino Cerri, homenageado na categoria Ação Ambien-

FOTOS: JOSÉ TEIXEIRA FILHO



tal, fez questão de lembrar que seu pai, Carlos Clemente Cerri, falecido em 2017, também foi contemplado pela AEASP com essa medalha há 25 anos. “Meu pai foi um grande pesquisador e, em 1997, ele ganhou essa medalha. E, naquela ocasião, eu pensei ‘que honra’. É uma felicidade muito grande.”

Cerri ressaltou que a categoria Ação Ambiental coroa ainda mais as atividades dos engenheiros agrônomos. “Não dá para dissociar agricultura, pecuária e silvicultura de ambiente. Tenho convicção de que temos feito um papel muito importante e hoje temos orgulho de dizer que a agricultura tem contribuído para a redução de emissão de gases de efeito estufa e o sequestro de carbono, sendo parte da solução.”

O engenheiro agrônomo que representou a atividade da Assistência Técnica e Extensão Rural foi Victor Branco de Araújo. Emocionado, agradeceu a Deus, aos colegas, à diretoria da AEASP e à família e celebrou o fato de ter um filho extensionista.

“Comecei minha jornada na Luiz de Queiroz, nas aulas do curso de Extensão Rural do saudoso professor Molina, e terminei na Cati, um ícone da extensão rural nacional, onde, por 35 anos, exerci minha profissão, sendo 30 deles dedicados à minha paixão, sementes e mudas, verdadeiras ferramentas da extensão rural”, sintetizou.

Na área do cooperativismo, Diógenes Kassaoka foi o homenageado. Ele fez menção aos colegas de profissão que o ajudaram em sua jornada, ressaltou a importância do suporte oferecido pela família e a satisfação em exercer a agronomia. “Não existe profissão mais abençoada do que a de engenheiro agrônomo. Podemos levar nosso conhecimento técnico em prol da produção de alimentos, do desenvolvimento econômico das pessoas do campo, que precisam da nossa capacidade para se desenvolver e para que essa economia

Victor Branco de Araújo, contemplado na categoria Assistência Técnica e Extensão Rural, e Celso Roberto Panzani, diretor financeiro da AEASP, que entregou ao colega a Medalha Fernando Costa



Na área do Cooperativismo, Diógenes Kassaoka foi o homenageado e recebeu o prêmio de Ana Meire Figueiredo, diretora administrativa da AEASP



Chukichi Kurozawa, que levou a medalha Fernando Costa na área de Defesa Agropecuária, recebeu o galardão do colega José Augusto Maiorano, membro do Conselho Deliberativo da AEASP

Benedito Eurico das Neves Filho, membro do Conselho Fiscal da AEASP, entregou a Medalha Fernando Costa na categoria Ensino para Zacarias Xavier de Barros



Francisca Ramos de Queiroz, diretora administrativa adjunta da AEASP, entregou a José Fernandes Franco a láurea na categoria Iniciativa Privada

PATROCINADORES

A Cerimônia **Deusa Ceres** em Ribeirão Preto (SP) é fruto da parceria bem-sucedida entre a AEASP e várias organizações patrocinadoras, a quem a AEASP agradece.



Na crença da ciência e na produção sustentável, a AEASP testemunha, nas suas homenagens o ideário que deve inspirar órgãos públicos e pessoas como eu, que tem a responsabilidade no parlamento, gestores públicos e empresas privadas que têm a responsabilidade social e ambiental”, discursou o deputado federal e ex-secretário de Agricultura de São Paulo, Arnaldo Jardim



possa crescer. Eu tenho muita honra em ser engenheiro agrônomo”, declarou.

Formado em 1966 pela ESALQ, o engenheiro agrônomo e fitopatologista Chukichi Kurozawa, contemplado na categoria Defesa Agropecuária, iniciou seu discurso lembrando de sua formação e enaltecendo colegas de turma. Na sequência, destacou momentos importantes de sua carreira como professor, de seu trabalho como consultor na revista Globo Rural e agradeceu a AEASP pelo galardão. “Recebo muito honrado e com alegria esta homenagem, a Medalha Fernando Costa.”

Comovido com a homenagem, Zacarias Xavier de Barros, ganhador da Medalha Fernando Costa na categoria Ensino, lembrou de sua infância humilde como filho de pequenos produtores rurais e pontuou a importância dos ensinamentos e do apoio recebido pela família, nomeando algumas pessoas, ao longo de sua trajetória. Também prestou um tributo aos colegas atuantes na extensão rural e finalizou: “Receber esta homenagem da AEASP, com 41 anos de dedicação ao ensino, representa o coroamento de uma carreira. Ao mesmo tempo, é um incentivo aos docentes em início de carreira, para continuar se dedicando com amor a tão importante missão. Agradeço a todos e peço desculpas pela emoção”.

José Fernandes Franco, proprietário da Rede dos Sonhos, em Socorro (SP), recebeu a láurea na categoria Iniciativa Privada e declarou: “Receber esta honraria, após ter trabalhado 16 anos na iniciativa privada, em multinacionais, sendo que nos últimos 30 anos como empresário e após completar 46 anos de formado pela ESALQ, é uma emoção. E deixou um recado para os empreendedores: “É importante construir um legado sustentável, vocês devem pensar não apenas em ganhar dinheiro, sem se pensar na questão do meio ambiente. A gente tem de enxergar o bem ajudando

Antônio Ambrósio Amaro foi reconhecido por sua contribuição para a Pesquisa e recebeu a medalha de Celso Luís Rodrigues Vegro, membro do Conselho Fiscal da AEASP



A Medalha Joaquim Eugênio de Lima, destinada aos engenheiros agrônomos atuantes na área de Paisagismo, foi entregue a José Manoel Gobbi de Oliveira por Tais Tostes Graziano, diretora de Comunicação da AEASP



Ex-ministro da Defesa e relator do Código Florestal, Aldo Rebelo discorreu sobre o aniversário de 10 anos da lei e a força do agro. “Com todas as suas limitações e defeitos, a lei procurou compatibilizar grandes preocupações do Brasil e da humanidade, a proteção do meio ambiente e a proteção de quem produz alimentos, a segurança alimentar”



FOTOS: JOSÉ TEIXEIRA FILHO



a comunidade, os colaboradores. Somente assim se construirá uma sociedade sustentável”.

“Me sinto extremamente sensibilizado pelo reconhecimento à minha carreira e aos meus trabalhos, desde 1962, no Instituto de Economia Agrícola, sempre em cooperação com meus colegas e outras instituições de pesquisa no Brasil e no exterior”, declarou Antônio Ambrósio Amaro, homenageado na categoria Pesquisa.

Após nomear alguns colegas que o ajudaram a construir sua trajetória, Amaro sintetizou: “Certamente esta lista seria interminável e estaria eu comendo injustiças ao não relacionar muitos outros companheiros com quem tive a satisfação de conviver e trabalhar nas questões econômicas e análises políticas, observando com transparência os mercados interno e externo, tanto para frutas frescas como para sucos e outros derivados da industrialização. Além de contribuir para a criação e estruturação de associações do setor, como Associtrus, Associação de Citrus de Mesa e outras. A minha maior emoção é ter exercido minha profissão com os dons que Deus me deu. Feliz aquele que consegue ter e receber esta graça”.

A agronomia e o paisagismo

A Medalha Joaquim Eugênio de Lima, destinada aos engenheiros agrônomos atuantes na área de Paisagismo, foi entregue a José Manoel Gobbi de Oliveira. Além dos agradecimentos à família e aos colegas, Gobbi contou de seu envolvimento desde a juventude com o paisagismo e destacou o fato de os profissionais da agronomia serem ainda minoria na área. “Sempre tive uma luta muito grande para que a palavra paisagismo voltasse para a agronomia. Sempre defendi a atuação multidisciplinar. E, graças a Deus, vejo cada vez mais que poderei colher esta semente que foi plantada.

COQUETEL

Após a solenidade, momento de descontração e de encontros entre engenheiros agrônomos



Estou muito honrado por minha própria classe estar me prestigiando na área do paisagismo.”

O Engenheiro Agrônomo do Ano

O troféu de Engenheiro Agrônomo do Ano foi entregue a Evaristo Eduardo de Miranda, pesquisador com vasta carreira, que, dentre outras coisas, foi coordenador na Secretaria de Acompanhamento e Estudos Institucionais da Presidência da República e chefe-geral da Embrapa Territorial por oito anos.

Após os agradecimentos, Miranda disse: “Chego à conclusão de que, da Embrapa, sou o ‘embrapiano’ mais paulista que existe, porque tenho uma história muito ligada a São Paulo, os colegas do agrônomo [Instituto Agrônô-

mico de Campinas] sabem sabem disso.” Ele lembrou que foi muito significativo receber o prêmio naquele dia, quando a Embrapa completava 49 anos.

Ao ser perguntado sobre como se sente ao ter escolhido ser engenheiro agrônomo, o homenageado responde: “É tão vasto esse campo da agronomia que nunca me frustrei, é tão desafiador. Quando o agrônomo trabalha realmente tentando compreender a agricultura, cada ano é um ano novo. Na agricultura, todo ano é o primeiro ano. O agrônomo é alguém que está sempre começando e aprendendo. E, no caso do Brasil, é uma profissão que está ajudando no desenvolvimento do país. O trabalho do agrônomo precisa ser conhecido e reconhecido”.

PATROCINADORES

A Cerimônia **Deusa Ceres** em Ribeirão Preto (SP) é fruto da parceria bem-sucedida entre a AEASP e várias organizações patrocinadoras, a quem a AEASP agradece.



Crea-SP já realizou 80 mil ações de fiscalização no Estado

Atividade oferece mais segurança para a população; meta é alcançar 400 mil no ano

O Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Estado de São Paulo (Crea-SP) encerrou o primeiro trimestre de 2022 com 80 mil ações de fiscalização. Com caráter orientativo e preventivo, as atividades são desenvolvidas para assegurar a presença de profissionais habilitados à frente de obras, reformas e demais serviços abrangidos pela entidade.

O resultado foi alcançado graças às diligências planejadas e à adoção do modelo de forças-tarefas em todo o território paulista, por intermédio de demandas levantadas pelas Comissões Auxiliares de Fiscalização (CAFs) e denúncias feitas pelos canais de atendimento do Conselho. O objetivo é atingir a meta de 400 mil ações até o fim deste ano.

As áreas com maior número de fiscalizações são: Engenharia Civil, com mais de 36,8 mil ações; Engenharia Elétrica, com cerca de 15,5 mil; e Engenharia Mecânica e Metalúrgica, que contabilizou em torno de 14,5 mil. Em seguida, estão Agronomia (4,6 mil), Engenharia de Segurança do Trabalho (3,5 mil), Engenharia Química (2,5 mil) e Geologia e Engenharia de Minas (717).

A vice-presidente no exercício da presidência do Crea-SP, engenheira Lígia Mackey, enfatiza a importância das ações de fiscalização para o bem-estar social. “A fiscalização garante a atuação do profissional habilitado no mercado de trabalho, fortalecendo as economias locais, e visa, principalmente, à segurança das pessoas de modo geral. Com esse trabalho, reforçamos nosso compromisso com



todos os nossos públicos: profissionais, empresas e sociedade”, sintetiza.

O Conselho encerrou o ano passado com 292 mil ações de fiscalização, superando em mais de 45% a meta estabelecida para o período, um recorde histórico. O desempenho tem evoluído consistentemente. De 2015 a 2021, o aumento nas operações chegou a cerca de 900%.

Denúncias

As denúncias são importantes para o acompanhamento da atividade profissional e, conseqüentemente, da segurança pública. O Crea-SP abre canais em todas as suas unidades para o recebimento das queixas, além do site www.creasp.org.br; dos telefones 0800 017 18 11 ou 0800 770 27 32 e do e-mail faleconosco@creasp.org.br.

São infrações à legislação profissional: a ausência de responsável técnico em projetos, execuções ou prescrições; obras clandestinas; falta de placa na obra ou falta de identificação de responsável em atividades sujeitas à fiscalização; produção irregular de material ou de insumos aplicáveis na engenharia, agronomia e geociências; e outras situações relacionadas à violação do exercício técnico.

Presente em 645 municípios

Instalado há 87 anos, o Crea-SP, autarquia federal, é responsável pela fiscalização, controle, orientação e aprimoramento do exercício e das atividades profissionais nas áreas da Engenharia, Agronomia e Geociências. O Crea-SP está presente nos 645 municípios do Estado de São Paulo, conta com cerca de 350 mil profissionais registrados e 95 mil empresas registradas. 🐦

Fonte: Acom/Crea-SP



FOTO: DIVULGAÇÃO

Francisco Matturro

O novo secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo fala da força do setor agro, de investimento e dos principais desafios à frente da pasta

Por Claudeci Martins

O secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, Francisco Matturro, nasceu na cidade de Matão, interior paulista. Formou-se no curso de Administração pela Fefiara – atual Universidade de Araraquara (Uniara) - na turma de 1970-1974. Chamada de “Terra da Saudade”, Matão fica a 28 quilômetros da cidade vizinha, Araraquara.

Empresário do agronegócio, Matturro consolidou a carreira profissional no setor de máquinas e implementos agrícolas. Desde então, atua em entidades importantes do agro. De 2005 a 2009, presidiu a Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq) e a Câmara Setorial de Máquinas e Implementos Agrícolas (CSMIA).

Matturro é um dos responsáveis pela formação da Associação Brasileira de Agronegócios (Abag) e membro do Conselho Superior do Agronegócio (Cosag). É um dos fundadores da Agrishow, o maior evento de tecnologia agrícola do mundo e reconhecido por lançar as principais tendências e as inovações para o agronegócio. Atualmente, está no segundo mandato como presidente voluntário da Agrishow e prestigiou a 28ª edição do evento, que reuniu 800 marcas expositoras e mais de 193 mil visitantes, em Ribeirão Preto, recentemente.

Com ampla atuação profissional no setor e junto às lideranças do agro, em 2021, comandou a Secretaria Executiva da Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, a convite do então secretário, Itamar Borges. Desde abril deste ano, exercia interinamente o cargo de secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo em substituição a Itamar Borges, que reassumiu o mandato na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (Alesp).

No fim de abril, Matturro assumiu oficialmente como



FOTO: DIVULGAÇÃO

secretário da Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. O dirigente se diz orgulhoso das importantes posições que ocupa, tanto à frente da SAA quanto da Agrishow, e do compromisso e responsabilidade que elas exigem.

A secretaria engloba seis institutos que desenvolvem estudos, pesquisas e soluções para o crescimento da agricultura no país. São os Instituto Agrônomo (IAC), Instituto Biológico (IB), Instituto de Economia Agrícola (IEA), Instituto de Tecnologia em Alimentos (Ital), Instituto de Zootecnia (IZ) e Instituto de Pesca (IP).

Fundado por D. Pedro II, o IAC, localizado em Campinas, vai completar 125 anos. Localizado na Vila Mariana, na capital, o IB tem 95 anos e possui o maior cafezal urbano do mundo. O Instituto de Pesca contribui com os avanços na aquicultura, um dos setores do agronegócio que mais cresce no Brasil e no mundo.

Outro órgão histórico abrigado na Secretaria é a Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI). Com 55 anos de existência, a estrutura é responsável por coordenar e executar os serviços de assistência técnica e extensão rural ao pequeno e médio produtor. Seu corpo técnico está presente na sede, em Campinas, e em todo o território paulista por meio das Casas da Agricultura, dos Escritórios de Desenvolvimento Rural e dos Núcleos de Produção de Sementes e Mudanças.

Também sob o chapéu da SAA, se encontra a Coordenadoria de Defesa Agropecuária, que constitui o sistema público executivo de defesa agropecuária do Estado, cumprindo importantes funções. O órgão foi criado há 23 anos para atender aos padrões internacionais fito e zoonosológicos e para reduzir as barreiras comerciais entre os países.

Nesta entrevista, Matturro fala dos principais desafios no comando da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, do trabalho desenvolvido nos dez meses de atuação na pasta e do propósito de continuar os programas que estão em andamento.

Um dos seus desafios é tornar a agropecuária paulista cada vez mais sustentável e inovadora. Ele lembra que, do total de R\$ 102 milhões investidos pela Secretaria, parte foi utilizada na modernização e aquisição de novos laboratórios de pesquisa.

Quais seus principais desafios e prioridades à frente da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo?

Num primeiro momento, concluir o grande trabalho feito pelo Itamar Borges. E temos como prioridade: alavancar o agro em São Paulo, dar continuidade em projetos e facilitar mais ainda a vida do produtor em termos de investimentos em tecnologias especializadas. Como desafios: tornar o agro cada vez mais sustentável e inovador, dar mais segurança jurídica e direito pleno de posse aos produtores.

Quais os principais investimentos em pesquisa no Estado líder em pesquisas agropecuárias do Brasil?

Uma destinação é para o Centro de Pecuária Sustentável, que tem como objetivo a produção intensiva de bovinos de corte com sustentabilidade. Outro objetivo também é apresentar mensurações desenvolvidas de acordo com o clima e as características do Brasil. Também destinamos recursos para o programa Bionematicida à base de Trichoderma. Lançado pela Apta, o Bionematicida foi desenvolvido para controlar vermes fitoparasitas que podem reduzir em 20% a produtividade da soja. O produto é fruto do primeiro licenciamento realizado pelo Instituto Biológico de forma exclusiva.

O Instituto Agrônomo de Campinas (IAC) está prestes a completar 135 anos de atuação. Qual é a importância do IAC – que é uma das instituições de pesquisa mais antigas do Brasil – para os brasileiros?

O Instituto Agrônomo de Campinas (IAC) é um dos mais importantes centros de pesquisa do Brasil. Nele, são desenvolvidos diversos estudos e soluções para o setor agropecuário. Sua atuação garante a oferta de alimentos à população e matéria-prima à indústria, cooperando para a segurança alimentar e para a competitividade dos produtos nos mercados interno e externo. Portanto, sua importância é inquestionável para o Estado de São Paulo e para o país.

Qual é a contribuição do IB para o agronegócio?

O Instituto Biológico (IB) oferece soluções significativas para o agronegócio e as transfere para o segmento produtivo. Contribui da melhor maneira para o desenvolvimento, a redução dos custos de produção, a inclusão social e a preservação ambiental, colaborando para o bem-estar da população. Assim como o IAC, é de suma importância para a São Paulo e para o Brasil.

Qual a marca que pretende deixar em sua passagem pela Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo?

O intuito é deixar um caminho trilhado para que o Estado de São Paulo continue demonstrando cada vez mais sua força no setor agro. O desejo é que produtores de pequenas, médias e grandes propriedades possam também dar sequência em seus trabalhos com mais conectividade, segurança, tecnologias disponíveis para serem aplicadas ao trabalho e desenvolvimento de programas de estímulo ao crescimento de produtores.

Desde 2021, o senhor está na Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. Primeiro, na função de secretário executivo da pasta; depois, em abril, como secretário interino. Qual é a avaliação que faz desse período?

Em apenas dez meses de Secretaria, conseguimos fazer o setor agro de São Paulo crescer muito com o auxílio de parcerias público-privadas e investimentos realizados através de verbas públicas disponibilizadas pelo orçamento.

Mercado para a piscicultura tem perspectivas promissoras

Crescendo em ritmo acelerado, a produção do setor abarca potencial imenso para avançar ainda mais

*Por Claudeci Martins

O cultivo de peixes no Brasil é bem recente se comparado aos egípcios, que criavam a tilápia do Nilo, há aproximadamente quatro mil anos, ou à China, o maior produtor de pescados do mundo. Além de possuir recurso hídrico expressivo, o diferencial brasileiro está na alta porcentagem de água doce que propicia o desenvolvimento da piscicultura, destaca Leonardo Tachibana, pesquisador científico e diretor do Centro de Pesquisa e Desenvolvimento de Aquicultura do Instituto de Pesca, da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo (SAA). Atualmente, o Brasil ocupa a quarta posição na produção pesqueira mundial e tem muito a comemorar.

Para o diretor da Sociedade Rural do Paraná (SRP) e da Associação Brasileira da Piscicultura (Peixe BR), engenheiro agrônomo Ricardo Neukirchner, o “Brasil é, com certeza, o país da piscicultura. O Brasil possui 12% da água doce do mundo, tem regiões muito extensas para produção em larga escala e dispõe de matéria-prima para fazer o alimento dos cultivos de peixe, que é a soja, o milho e outros itens que estão em nossas mãos”, destaca. “Temos todas as qualidades e as condições para cultivar peixe no país inteiro, em diferentes ambientes e climas e com comercialização e produção muito seguras”, acrescenta.

Na fase inicial da atividade de pesca, inúmeras pisciculturas, de pequeno e médio portes e usando técnicas rudimentares, desenvolveram-se para atender ao setor de pesque-pague (locais de lazer e pesca artesanal) e à pesca esportiva. Com o uso de novas tecnologias e modernização, o cultivo de peixes se torna realmente uma atividade comercial. Desde então, a aquicultura vem crescendo com investimentos em pesquisas e tecnologias, seleção genética dos cultivos, profissionalização e aprimoramento na cadeia produtiva.

A cadeia da produção de peixes cultivados saltou de 578.800 toneladas (em 2014) para 841.005 toneladas (em 2021), o que representa aumento de 45,7%, segundo o Anuário 2022 da Piscicultura da Peixe BR. Os três maiores produtores nacionais são: Paraná (188 mil toneladas), São Paulo (81,6 mil toneladas) e Rondônia (59,6 mil toneladas). Na sequência, vêm

Santa Catarina, Minas Gerais, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pernambuco e Bahia. A piscicultura emprega, direta ou indiretamente, três milhões de pessoas e obteve receita de, aproximadamente, R\$ 8 bilhões em 2021, de acordo com a Peixe BR, entidade que congrega produtores, empresas de todos os segmentos da cadeia produtiva e entidades de classe.

Neukirchner delinea perspectivas promissoras para a piscicultura. “O peixe é a proteína animal que mais cresce no mundo. A piscicultura é um mar de oportunidade e a tendência é continuar nesse crescimento por muitos anos.” Ele ainda diz que “a tecnologia para o cultivo de peixe está dominada e o Brasil tem condições de ser o maior produtor mundial de peixes. Hoje é o quarto colocado e está crescendo muito rápido”.

Tachibana compartilha o otimismo em relação ao futuro da atividade. “Tem muito espaço para crescer. Com aumento de consumo, usos de novas tecnologias que diminuem custos de produção, melhoramento genético e novas vacinas.”

Além do aumento substancial na produção pesqueira, o Brasil segue com crescimento expressivo na exportação, especialmente com a cotação elevada do dólar, embora o volume exportado ainda seja pequeno, ressaltam os especialistas. O Informativo de Comércio Exterior da Piscicultura, da Embrapa Pesca e Aquicultura, destaca aumento de 119% no primeiro trimestre deste ano em comparação com o primeiro trimestre de 2021, atingindo US\$ 7 milhões. O Paraná foi o maior exportador nacional, com US\$ 3 milhões; em segundo, o Mato Grosso do Sul; em terceiro, a Bahia.

O Boletim Informativo identifica que o maior importador da piscicultura brasileira são os Estados Unidos (78%); seguido por Canadá (11%), Chile (3%), Líbia (2%) e Taiwan (1%).

Diferença entre aquicultura e piscicultura

Embora muita gente confunda, aquicultura e piscicultura são diferentes.

Aquicultura é a ciência que estuda técnicas de cultivo de organismos que vivem em ambientes aquáticos e são utilizados na alimentação humana. Inclui a criação de peixes, crustáceos (camarão, lagosta), moluscos (polvo, lula), anfíbios, répteis e plantas aquáticas.



Leonardo Tachibana, pesquisador científico e diretor do Centro de Pesquisa e Desenvolvimento de Aquicultura do Instituto de Pesca, da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo (SAA)

FOTO: PARQUIVO PESSOAL



FOTO: ISTOCK

Já a piscicultura é um dos segmentos da aquicultura e cuida da criação de peixes, geralmente os de águas doces. É responsável pela criação de outros organismos aquáticos, como os alevinos.

Benefícios alimentares

Ainda que a maior parte da produção fique no mercado interno, o Brasil consome menos que o recomendado pela Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO). O consumo interno de peixe é de menos de cinco quilogramas por habitante ao ano, de acordo com a Peixe BR. Por ano, cada pessoa deveria ingerir 20 kg de peixe para suprir as necessidades proteicas preconizadas pela FAO, lembra Tachibana. E destaca a importância de consumir os peixes de água fria (salmão, atum, sardinha, arenque, truta), que acumulam mais gorduras monoinsaturadas e poli-insaturadas, que são ricas em ômega 3, entre outras proteínas.

Tilápia, a preferida

A sardinha, que poderia substituir o salmão como fonte de ômega 3, sofre com problema de sazonalidade e de estoque. A truta salmoadada (a truta de água doce e aquelas que vivem em água salgada) é um pouco mais acessível. Mas a espécie que caiu no gosto do consumidor foi a tilápia. Dados da Peixe BR mostram que, de cada dez quilos de peixe consumidos no país, 6,3 quilos são de tilápia. Em segundo lugar na preferên-



Ricardo Neukirchner, diretor da Sociedade Rural do Paraná (SRP) e da Associação Brasileira da Piscicultura (Peixe BR)

FOTOS: PEDRO CRUSIOL

cia estão os redondos (pacu, tambaqui e híbridos); em terceiro, os surubins.

A preferência pela tilápia se dá, principalmente, pela “cor branca da carne, pouco cheiro, sabor menos marcante de peixe nem espinho em “Y”, aquele que trava na garganta, diz Tachibana. O diretor da Peixe BR acrescenta que essa espécie tem sido o carro-chefe da produção nacional, sendo cultivada em grande escala.

Paraná, o campeão

Outras vantagens, citadas por Neukirchner, são o crescimento rápido e a resistência a doenças e a ambientes di-

ferentes. “A tilápia se adequa a qualquer tipo de cultivo e caiu no gosto do consumidor: é o frango dos peixes.” Peixe campeão em produção e consumo no Brasil, a tilápia representa 63,5% da produção nacional, o que põe o país na quarta colocação mundial da espécie. Os maiores produtores nacionais de tilápia são: Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul, nesta ordem.

Liderado pelo tambaqui, os peixes nativos participam com 31,2%; demais espécies (carpas, trutas, pangásius), 5,3%. A produção de peixes nativos está concentrada nas regiões Norte (143.850 t: 57% do total), Nordeste (53.675 t: 20,5%) e Centro-Oeste (49.250 t: 19%). Para o brasileiro acostumado a ver peixe sendo pescado em mares ou em rios, pode causar estranheza o fato de que metade dos pescados do mundo venha de cativeiro, comenta o diretor da SRP. “Hoje, para cada dois quilos de peixe consumido no mundo, um quilo vem de cativeiro.”

Peixe de cativeiro

E foi justamente a produção de cativeiro que viabilizou a produção em grande escala. Os peixes são cultivados em açudes, lagos e represas. Há dois tipos de criadouros: em tanques escavados (reservatório artificial de água escavado no solo) e tanques-redes (gaiolas flutuantes, mantidas na água de rio, de lago ou do mar). A tilápia é cultivada nos dois sistemas.

“Cada uma dessas maneiras se ade-

qua bem a determinadas regiões. Há locais de cultura muito forte em tanques escavados; em outros, em gaiolas flutuantes”, salienta Neukirchner. Nos Estados de Santa Catarina e Paraná, por exemplo, os pequenos produtores de aves e suínos tinham o hábito de cultivar carpas para atender à demanda de descendentes de italianos e alemães, tradicionalmente adeptos ao consumo de pesca. No Paraná, em 1996, já havia produção pequena de tilápia criada em viveiros escavados.

A atividade pesqueira paranaense prosperou com a sistema intensivo de criação e com o cooperativismo, chamado de sistema de integração. Esse sistema é “igual ao adotado na cultura de frango e na criação de suínos. As cooperativas fazem o trabalho de fornecer os alevinos (forma jovem), a ração e as técnicas de cultivo e os produtores rurais criam o peixe dentro das normas e fornecem a produção às cooperativas. Esse sistema funciona muito bem, principalmente no oeste do Paraná. Temos cooperativas que abatem 200 toneladas de peixe todo dia”, explica o dirigente.

Novos avanços para fisgar o mercado consumidor

A aquicultura deve continuar em ritmo de expansão por conta dos benefícios que o consumo de pescado traz às pessoas em termos de qualidade nutricional, de saúde e de segurança alimentar, de acordo com a FAO. No caso da tilápia, a produção mundial aumentou 2% em 2021 (com 6,25 milhões de toneladas) em relação a 2020 e a expectativa para este ano é seguir crescendo, segundo dados preliminares da FAO. A China lidera o mercado, seguida pela Indonésia e Egito. O Brasil ocupa a quarta posição com produção de 534 mil toneladas no ano passado.

As exportações da piscicultura brasileira seguem com crescimentos expressivos, mas o volume exportado ainda é pequeno ante a demanda mundial crescente, destacam os especialistas. Para Neukirchner, “a necessidade está aí e cabe a nós assumirmos esse protagonismo e fazermos da piscicultura uma atividade comercial tão importante quanto a avicultura.” Entre os obstáculos, ele menciona a falta de mão de obra especializada, por se tratar de atividade nova, e o tempo necessário para o setor evoluir ainda mais.

Um dos desafios do cultivo de pei-



Tanque com truta arco-íris, onde foi testada a ração sustentável, no Núcleo Regional de Pesquisa Ascânio de Farias de Campos do Jordão, do Instituto de Pesca.

FOTO: DIVULGAÇÃO

xes em cativeiro é dispor de alimentação que atenda aos requisitos nutricionais específicos das espécies e que a ração não tenha preço elevado para não impactar os custos de produção. A alimentação da tilápia, por exemplo, tem origem vegetal (soja, milho, entre outros). Já os salmónídeos (salmões e trutas) se alimentam com a farinha de peixe, produto importado do Peru e de custo elevado, informa Tachibana.

O Instituto de Pesca, para atender às demandas de empreendedores e indústrias, desenvolve formulação para produzir ração de alta performance. Em parceria com a BRF Ingredients, produziu uma ração sustentável que foi testada na alimentação da truta arco-íris, no Núcleo Regional de Pesquisa Ascânio de Farias de Campos do Jordão, do Instituto de Pesca, informa Tachibana. “Essa nova ração, que vem para substituir a farinha de peixe, é um blend de insumos sustentáveis e subprodutos de suínos e aves.”

A ração sustentável está disponível no mercado nacional, como Proteína Hi-

drolisada de Frango da BRF Ingredients, e à venda no comércio internacional. “É um produto de ótima qualidade que pode reduzir os custos de produção e aumentar o consumo de peixe”, avalia Tachibana. O Instituto de Pesca também desenvolve ração de tilápia, a formulação mais recente permite baixar custos com alimentos (R\$ 30 mil a menos para criar 100 toneladas de tilápia), diminuir em 5% a mortalidade e reduzir 20 dias no ciclo de produção, que é de 200 dias.

Além de ração mais acessível, outra grande vantagem da tilápia é a ausência de desperdício na sua produção, pontua Neukirchner. “Após tirar o filé do peixe, tudo é aproveitado: a escama é usada em medicamentos, vísceras e cabeças vão para produção de farinha de peixe e de óleo de peixe.” E mais: as tilápias estão recebendo novas tecnologias de melhoramento genético para acelerar o crescimento, aumentar a resistência às doenças e baixar custo de produção, informam os dois especialistas.

Os especialistas acreditam que o me-

lhoramento genético trará grandes mudanças para esse cenário, com custos de produção mais baixos e volumes de produção maiores.

Tachibana diz que devem ser considerados, também, os fatores: “qualidade da água, bem-estar do animal, controle de sanidade animal, forma de abate, processamento e escala de produção. É preciso ajustar todos os itens da cadeia produtiva”. E assinala a necessidade de maior profissionalização no setor para desenvolver ainda mais a cadeia produtiva e aumentar a produção sustentável e a orgânica.

Em relação à sanidade animal, o Instituto de Pesca tem se destacado no desenvolvimento de vacinas contra várias doenças presentes nos cultivos de peixes. Outra iniciativa do órgão para combater bactérias que possam infectar as tilápias, por exemplo, é a adição de probiótico na ração, que inibem as principais patologias, ativa o sistema imunológico e ajuda no crescimento dos peixes.

São Paulo, o segundo maior produtor de peixes

A fase inicial da piscicultura paulista se deu com os inúmeros pesque-pagues. O primeiro deles foi na Rodovia Castelo Branco (Km 76,5). A pesca esportiva também contribuiu para o interesse na atividade. O Vale do Ribeira chegou a ter frigoríficos e filetadoras de tilápia e redondos (pacu, tambaqui e híbridos), mas não prosperou, lembra Tachibana. Atualmente, o Vale do Paraíba “retomou a produção de cultivo de peixes nativos pelo sistema de viveiro escavado e está evoluindo na truticultura”.

A produção profissional pesqueira se deu ao longo dos Rios Paranapanema, Tietê, Grande e Paraná e nas proximidades das represas das hidrelétricas. A piscicultura está concentrada na região noroeste do Estado devido à disponibilidade e à qualidade da água, além de clima favorável. As maiores produções pesqueiras estão nos reservatórios da Usina Hidrelétrica de Ilha Solteira, com produção intensiva, em larga escala e com sistema de tanque-rede. Os três maiores municípios produtores são Santa Fé do Sul, Rifaina e Santa Clara D'Oeste, de acordo com a Pesquisa da Pecuária Municipal, feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Em Santa Fé do Sul, o sistema de criação de tilápias é em tanque-rede, com técnicas especializadas, controle de sa-



FONTE: PEIXE BR

nidade animal, estrutura adequada instalada e produção em larga escala. “Temos todos os elos da cadeia produtiva em funcionamento. Temos um ambiente propício à atividade.” Esse sistema de tanques-rede é voltado à criação de tilápia, salmão e atum e mais utilizado em represas ou açudes”, diz Tachibana, do Instituto de Pesca.

O Centro de Pesquisa do Instituto de Pesca informa que a produção de peixes de cultivo cresceu 9,4% em 2021 em relação ao ano anterior. Destaque para a tilápia, especialmente em Santa Fé do Sul, Ilha Solteira, Rio Grande, Médio e Pontal do Rio Paranapanema. Do total de 81.640 toneladas, 76.140 toneladas são de tilápias; 4.800 toneladas, de na-

tivos; e 700 toneladas, de outros peixes.

A maior parte da produção do noroeste paulista é consumida na capital, Campinas, Ribeirão Preto e São José do Rio Preto. Na capital, a maioria da tilápia chega em filé congelado. O tambaqui, por exemplo, vem de Rondônia e chega inteiro a São Paulo e passa por cortes (costela, lombo), comenta Tachibana. Rondônia, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul produzem surubins (pintado, cachara e híbridos), peixes carnívoros que têm custo mais elevado de produção.

Uma das grandes demandas, na capital, é para abastecer os restaurantes japoneses que precisam de salmão, atum, tilápia, linguado, entre outros. Outro lugar cativo para quem aprecia peixe é Piracicaba, com o tradicional pintado na brasa, símbolo da cozinha piracicabana. Às margens do Rio Piracicaba, há diversidade de restaurantes e o visitante pode apreciar as águas caudalosas do rio famoso.

Já atividade pesqueira marinha e estuarina é mapeada pelo Programa de Monitoramento da Atividade Pesqueira Marinha e Estuarina de São Paulo, do Instituto de Pesca. Desde 1969, os dados da dinâmica da pesca em São Paulo são coletados, armazenados, processados e disponibilizados ao público. Pelo programa pioneiro é possível saber os municípios onde ocorre a pesca artesanal e industrial (e o volume descarregado), a distribuição das espécies pela região, a forma de captura, entre outros dados.

Ainda em São Paulo, na cidade de São José do Rio Preto, ocorre, anualmente, a feira mais significativa de negócios e conhecimento de aquicultura nacional, a Aquisshow Brasil. 🐟



FOTO: DIVULGAÇÃO

Fertirrigação é o caminho sustentável da produção agrícola

Muitos não investem em fertirrigação, processo de colocar o adubo na água, por desconhecimento, falta de recursos e de orientação

Por *Claudeci Martins*

Agua e adubo são os dois elementos primordiais à sobrevivência e ao desenvolvimento dos cultivos e do solo. E a fertirrigação, técnica de adicionar fertilizantes à água de irrigação, é o método mais eficiente por dosar a quantidade adequada de nutrientes e administrá-los nos tempos oportunos de cada cultura, explicam os engenheiros agrônomos Ondino Cleante Bataglia e Pedro Roberto Furlani, durante a live “Fertirrigação – Fundamentos e Usos na Agricultura”, promovida pela AEASP e transmitida no canal da associação, no YouTube, com moderação da diretora administrativa da entidade, Ana Meire Figueiredo, e participação do presidente do Conselho Deliberativo da AEASP, Angelo Petto Neto.

Apesar dos percalços, a fertirrigação agrícola continua a evoluir com os avanços tecnológicos. “Desde os estudos originais feitos por Israel, a técnica de irrigação continua a avançar. Hoje, nos cultivos em estufa e em substrato (ou hidropônico, cultivo feito sem solo), a fertirrigação é compulsória. Não tem escolha”, salienta Bataglia.

Para Furlani, é um “contrassenso” aplicar adubo e água separadamente nos cultivos, ou seja, o método convencional de irrigação. “Ao aplicar fertilizante no solo e irrigar quando precisa, criam-se zonas de altas concentrações de sais. Essa quantidade elevada de sais acarreta queima de raízes, além de ser deletéria ao desenvolvimento da planta”, alerta Furlani.

Os dois especialistas, formados pela ESALQ-USP, afirmam que, havendo necessidade de fazer a irrigação, se faça a fertirrigação. Estamos falando da irrigação, não da molhação”, pontua Petto Neto.

Para dimensionar o potencial da fertirrigação, Bataglia comenta sobre levantamento recente mostrando que “dos 8 milhões de hectares irrigados, 2 milhões a 3 milhões poderiam ser feitos por irrigação localizada”.

Entre os sistemas de irrigação, estão: irrigação por sulcos (mais antigo), aspersão, gotejamento (base da planta), microaspersão (nos locais onde a raiz se desenvolve). A vinhaça foi muito utilizada nos canais, lembra Furlani, especialmente na região de Piracicaba. Atualmente, “a cana-de-açúcar usa o sistema enterrado no chão. Hortaliças e frutas são outros cultivos que demandam a irrigação”.

Pequenos produtores

Outra questão debatida foi a viabilidade de aplicar a fertirrigação, tendo em vista que 80% dos proprietários rurais paulistas são de pequenos produtores. “A fertirrigação é um avanço e uma necessidade. A realidade mostra que o pequeno produtor não sobrevive sem investir em irrigação”, esclarece Bataglia, que é PhD em Ciência do Solo pela Universidade da Califórnia (EUA). E muitos não investem por “falta de conhecimento, recursos e orientação. E o trabalho da AEASP é fundamental para divulgar conhecimento”, acrescenta.

Furlani delega às associações e cooperativas o papel de repassar as novas tecnologias e as possibilidades de manejo a esse público. “É arriscado plantar sem irrigar. O custo de perder a produção é alto. Quem não faz irrigação está fadado a ter insucesso na sua cultura”, frisa o especialista com mestrado e doutorado em Agronomia pela Universidade de Nebraska (EUA). “Os produtores de frutas e hortaliças precisam irrigar, principalmente nos períodos críticos da planta”, orienta.

A adesão dos pequenos proprietários ao manejo de fertirrigação para garantir a própria sustentabilidade aumenta com exemplos de sucesso, rentabilidade da cultura e orientação para fazer o sistema funcionar, salientam os especialistas. “Depende, também, do valor da cultura. Ninguém investe para ter prejuízo”, frisa Furlani.



Da esquerda para a direita: palestrante Ondino Cleante Bataglia; diretora administrativa da AEASP, Ana Meire Figueiredo; presidente do Conselho Administrativo da AEASP, Angelo Petto Neto, e palestrante Pedro Roberto Furlani

Água, solo e planta

A fertirrigação funciona assim: “Os componentes minerais dos fertilizantes se dissolvem na água e libera os nutrientes em quantidade suficiente para o solo e a planta”, esclarece Furlani. Para fazer a fertirrigação, o produtor rural deve prestar atenção à qualidade da água, às condições do solo e conhecer bem a planta a ser cultivada. Esses são fatores determinantes dos cultivos e impactam nos resultados, frisam os especialistas. A análise química é a melhor maneira de avaliar as condições da água e do solo.

Para saber se a água tem a qualidade exigida, basta “tirar uma amostra e mandar para o laboratório. O Instituto Agrônomo de Campinas (IAC) é um dos melhores para análise de água para fertirrigação”, informa Bataglia. Se estiver inadequada, “existem algumas limitações que podem ser corrigidas. A presença de bicarbonato, por exemplo, eleva muito o pH da água”, esclarece.

Furlani destaca ser importante saber “a origem da água. A potabilidade não basta porque é um fator mais

relacionado a agentes patogênicos. O que importa na fertirrigação é o pH da água porque afeta a disponibilidade de nutrientes. A escolha dos fertilizantes depende da qualidade da água”, realça Bataglia.

Furlani explica para que serve a análise química do solo: “Para saber quais nutrientes o solo já tem e, depois, suprir, via fertirrigação, aqueles que faltam. Se faltar um micronutriente, a planta não consegue se desenvolver adequadamente”. No caso de cultivo em estufa pelo método de irrigação convencional, doses elevadas de adubos prejudicam o solo ainda mais rápido, avisa Bataglia.

Ele completa: “Como não tem a chuva para lavar os sais acumulados, em pouco tempo o solo fica salinizado. Pode ser recuperado com manejos de plantas que tenham tolerância elevada à salinidade”.

Em relação às plantas, é preciso conhecer a exigência nutricional antes de aplicar a solução nutritiva, que varia para cada espécie de planta, esclarece Furlani. “Saber a quantidade de micronutrientes que

a planta extrai do solo é um ponto de partida para fazer a reposição adequada de nutrientes.”

O procedimento correto

Os dados sobre água, solo e a planta são fundamentais para fazer o cálculo da quantidade adequada de fertilizante e o momento oportuno de aplicar no cultivo, informam os especialistas. “A quantidade adequada de fertilizante depende do montante de nutrientes que a planta vai exigir para o seu bom desenvolvimento, subtraindo o que já tem no solo. E a dosagem acompanha a marcha da absorção”, destaca Bataglia. E exemplifica: “Na fase de crescimento, há necessidade maior de nitrogênio; na frutificação, precisa de mais potássio”.

Bataglia informa que, de maneira geral, os adubos para esse tipo de manejo precisam ter as seguintes características: ter alta solubilidade (ser solúvel em água), ser livre de impurezas e não deixar resíduos. Por muito tempo, a falta de fertilizantes foi um entrave à inovação de fertirrigação, que exige sais especiais, relata Furlani. “Tínhamos dois produtos: o cloreto de potássio e a ureia ou sulfato de amônia. Ainda hoje, são muito usados. O mercado evoluiu muito com a oferta de fertilizantes especiais.”

Atualmente, com a guerra na Ucrânia, há falta de alguns fertilizantes; para alguns, é difícil achar substituto, destacam os engenheiros agrônomos. É o caso do potássio, muito usado no cultivo da banana, que está em falta no mercado. “O custo do fertilizante está um absurdo”, lamenta Bataglia.

Para suprir a carência do mercado em conhecimentos, informações e produtos, Furlani e Bataglia criaram a empresa Conplant - Consultoria, Treinamento, Pesquisa e Desenvolvimento Agrícola, que oferece consultoria, cursos e produtos, entre eles um coquetel de micronutrientes para cultivo hidropônico.

O evento foi apoiado pelo Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Estado de São Paulo (Crea-SP), Conplat e Mutua. 🌱

O poderio do agronegócio contrasta com número inexpressivo de segurados

Especialistas afirmam que a expansão dos seguros no agronegócio passa pela derrubada do temor de que o setor dá muito sinistro e pouco lucro

Por Claudeci Martins

A cultura de contratar seguro agrícola começou a aflorar recentemente e o número de apólices ainda é inexpressivo. Nos EUA, 92% das áreas plantadas têm seguro; no Brasil, apenas 12%. Para entender o motivo disso ocorrer e apontar caminhos de expansão, a AEASP promoveu a live “A Importância do Seguro no Mercado do Agronegócio”, transmitida no canal da AEASP, no YouTube, em 29 de março.

Ana Lúcia Camargo da Silva e Alessandro dos Santos Calhau, dois especialistas com vasta trajetória na área e sócios da A2G Corretora de Seguros, explicam o cenário atual e os principais desafios do seguro no segmento do agronegócio.

Waldenilza Monteiro Vital Alfonsi, diretora de Atividades Promocionais da AEASP, mediadora da palestra, abriu a live com as considerações iniciais a respeito do evento e, na sequência, passou a palavra ao presidente da AEASP, Henrique Mazotini, que enfatizou a relevância do tema para o agro. “Passamos por uma falta de insumos no mercado que tem ocasionado problemas e diversas situações de riscos que o seguro pode prevenir.”

O presidente salientou ainda que a palestra com os dois especialistas, atuantes no setor de agronegócios, é para “transmitirem informações corretas sobre a utilização do seguro no setor”.

Ana Lúcia reforçou que a guerra na Ucrânia escancarou a dependência externa de fertilizantes, situação já anteriormente agravada pela falta de produtos que vinha ocorrendo, fatores que têm impactado nos riscos do abastecimento agrícola. “Aumentando as ocorrências de roubos na logística de fertilizantes”.

Calhau comentou que a contratação de seguros rurais “está começando a ser valorizada”. A contratação do segu-

ro Agrícola tem evoluído nos últimos 10 anos, o mercado de seguros vem buscando entender o agronegócio e a desenvolver produtos que atendam às necessidades desse setor. O agronegócio responde por 1/4 do Produto Interno Bruto (PIB) e, com os avanços recentes, pode chegar a 1/3 do PIB. “Tal é o nosso potencial que o mundo olha o Brasil como celeiro mundial.”

Pelos dados aferidos pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) e ressaltados por Calhau, o crescimento do agronegócio brasileiro é visível. Especialistas do setor dizem que temos capacidade para chegar a 300 milhões de toneladas de grãos, aumentando significativamente a participação mundial de exportação de commodities.

Falando de seguro de lavoura, Calhau explica, que um dos motivos do baixo número de contratações de apólices, é o pouco valor disponibilizado nos programas de subvenções governamentais, que em muitos anos não atendem à demanda do mercado.

Com as mudanças climáticas as ocorrências de sinistros por falta de chuvas, geadas extremas e ou excesso de chuva na colheita as seguradoras vêm amargando prejuízos astronômicos nos dois últimos anos, e se não há um volume robusto de contratações de apólices os resultados não fecham e algumas seguradoras restringem a aceitação.

Um fator relevante na comercialização de seguro agrícola é a falta de profissionais com conhecimento técnico para comercializar seguros rurais, muitas vezes comercializados dentro do pacote de custeio. Existe a dificuldade das realizações das inspeções de sinistros em tempo adequado às necessidades das demandas dos agricultores.

Aliado a isso, há um número pequeno de seguradoras para atender ao agronegócio. E, também, não contribui “o temor de que o mercado de agronegócio dá muito sinistro e pouco lucro”, frisa Calhau.



Palestrantes
Ana Lúcia
Camargo
da Silva e
Alexsandro
dos Santos
Calhau,
sócios da A2G
Corretora de
Seguros



Waldenilza
Monteiro
Vital Alfonsi,
diretora de
Atividades
Promocionais
da AEASP,
e Henrique
Mazotini,
presidente
da AEASP

“O seguro agrícola, este tem que fazer parte do pacote de comercialização de insumos agrícolas”, complementa Calhau.

Orientação e mitigação de riscos

A concepção de risco do agrogonócio vem sendo percebida aos poucos pelo produtor, distribuidor, cooperativa, indústrias e profissionais (engenheiros agrônomos e técnicos agrícolas e consultores). Mas ainda há conceitualização equivocada do assunto, aponta Ana Lúcia. “Seguro não é uma transferência de risco. O conceito deve ser da visão da prevenção e da mitigação de riscos. Precisamos ter seguradoras que atendam ao agrogonócio e, em caso de sinistros, repõem às perdas. Então, temos de fazer o possível para minimizar os riscos na cadeia produtiva no agro.”

A principal orientação na contratação do seguro é fazer o levantamento de toda a operação do contratado o mais detalhado possível, orienta Ana Lúcia. “O corretor faz o retrato da operação. E, quanto mais próximo da realidade for esse registro, mais sensato será o preço do seguro e maior a segurança de indenização em caso

de sinistro.” Outra questão é a lógica envolvida na precificação do seguro. “Seguro é mutualismo, há alguns fatores que impactam na precificação de um seguro, um deles é quando há pouca contratação e muitos sinistros, é estatística o valor aumenta porque o custo por apólice se torna alto. Com muitas apólices, cria-se um colchão financeiro para suportar as indenizações”, pondera Calhau.

Outra problemática ocorre na distribuição, apontada por Calhau, a indústria e o distribuidor estão assumindo mais riscos na operação. Para evitar o risco de roubo na fazenda, o produtor compra o pacote necessário para o ano e define que a entrega das mercadorias seja fracionada conforme o momento do processo produtivo, pois o produtor teme a fragilidade de segurança de um galpão na fazenda e a não aceitação pelas seguradoras de conceder coberturas no campo. Então, o distribuidor e ou a cooperativa, se vê obrigado a armazenar os produtos vendidos para entrega futura. Assim, o risco fica ainda maior pelo grande volume estocado.”

A alta do dólar (que impacta diretamente no valor dos insumos e dos

estoques) e a escassez de produtos (motivada pela guerra na Ucrânia e crise energética na Europa e Ásia) têm ocasionado aumento de roubos e furtos no agrogonócio, alerta Calhau.

Pontuando ainda sobre riscos na distribuição, os produtos estocados estão sujeitos a vários riscos, principalmente o roubo e incêndio e é preciso encontrar formas de proteção, ressalta Ana Lúcia. “Nos últimos 12 anos, temos relatos de três incêndios e mais de 50 roubos de distribuidores agrícolas. O roubo é um tropeço grande, mas, em caso de incêndio, se não tiver a apólice contratada adequadamente, pode quebrar a operação e descontinuar o negócio. Seguro é estatística; por isso, a taxa de seguro contra roubo é superior à taxa de cobertura de seguro de incêndio, não vale a pena correr o risco de contratar uma cobertura de incêndio abaixo da realidade.”

Em qualquer situação, o importante é a prevenção, destaca Ana Lúcia. “Prevenção não é apenas a instalação de câmeras, monitoramento por empresa de segurança e ou outras questões tecnológicas, questões obrigatórias para que o segurado seja elegível a ser aceito pela seguradora, há de se atentar aos procedimentos, treinamento de funcionários, rotinas no estabelecimento do distribuidor agrícola, visando prevenção.”

Antes de contratar o seguro, observe as orientações passadas pelos especialistas: contrate corretor habilitado com conhecimento no agrogonócio; lembre-se de que o seguro não é transferência de risco para a seguradora e requer que o segurado adote medidas preventivas; a seguradora dá garantias e o segurado cumpre as obrigações estipuladas na contratação para não correr o risco de ficar sem a cobertura. Outro cuidado é revisar detalhadamente as informações prestadas no momento da contratação do seguro, pois estas serão utilizadas na hora da indenização do sinistro, orienta Calhau.

A2G Corretora de Seguros anunciou um seguro de responsabilidade civil para os engenheiros agrônomos e detalhou as coberturas possíveis.

**Assista ao conteúdo completo das palestras no canal da AEASP no YouTube (AEASP Nova Geração).*

Soluções inovadoras na aplicação de agrotóxico

Levar tecnologias de aplicação de agrotóxicos realizadas em laboratório diretamente para o campo é o principal objetivo do projeto Decisão Sustentável Avançada em Tecnologia de Aplicação (Desata). A estratégia de ação do projeto é desatar os principais gargalos que os produtores têm na aplicação de defensivos agrícolas. Uma das dificuldades do agricultor está no uso adequado e seguro do produto de forma a otimizar os recursos disponíveis na propriedade, além de reduzir os custos operacionais e os possíveis danos ambientais.

Projeto inovador em extensão tecnológica, o Desata é uma parceria público-privada entre a Universidade Estadual do Norte do Paraná, via Núcleo de Investigação em Tecnologia de Aplicação e Máquinas Agrícolas, e a Juma-Agro Tecnologias para Altas Produtividades, empresa do setor de nutrição de plantas que há 34 anos atua no agronegócio brasileiro. O projeto começou em abril deste ano e atenderá, nessa fase inicial, 100 agricultores de cinco Estados brasileiros. A Juma-Agro é a base financeira

e logística do projeto e a UENP/Nitec é o braço extensionista e educacional.

O programa Desata alia os conhecimentos científicos da universidade com as práticas adotadas na propriedade do agricultor. Funciona assim: uma van com um laboratório (que dispõe do conhecimento básico até o avançado em tecnologia de aplicação) e engenheiro agrônomo vai até a propriedade rural. No local, o especialista vai orientar e capacitar a equipe de pulverização do agrotóxico para adoção de boas práticas de uso das máquinas e de manuseio adequado dos produtos. O intuito das visitas é dar qualidade e segurança na pulverização de agrotóxico, diminuir impacto ambiental, reduzir desperdício e evitar acidentes.

Graças ao laboratório móvel, que dispõe de sistema de análise de imagem, o agricultor acompanha visualmente como trabalhar as técnicas corretas no campo e fazer a manutenção adequada da máquina pulverizadora. O profissional qualificado faz várias demonstrações dos principais

ajustes operacionais que o agricultor precisa realizar no equipamento para ter maior assertividade nas pulverizações. Os especialistas colocam um sistema de telemetria na máquina do agricultor para acompanhar junto com ele as atividades de aplicação e fazer os ajustes necessários.

Além do sistema de telemetria, o laboratório móvel dispõe de calibração completa do pulverizador (circuito hidráulico e comandos eletrônicos) para operar da forma mais adequada e eficiente possível. Feito de forma continuada, esse treinamento inovador de tecnologia de aplicação tem o propósito levar desenvolvimento sustentável ao agronegócio. Por ter base sólida e científica, o projeto torna possível escolher técnicas de aplicação seguras e de qualidade e que estão associadas às boas práticas de manejo para evitar danos ambientais e reduzir perdas de agrotóxicos. Além disso, permite a atuação continuada de especialista para acompanhar e aperfeiçoar as soluções práticas, tomar a melhor decisão, fazer intervenção quando necessário e avaliar o impacto do projeto.

Qualidade de mudas e porta-enxertos faz a diferença

Mudas e porta-enxertos de qualidade podem fazer toda a diferença para os produtores, acertar nessa escolha pode trazer mais lucratividade no momento do plantio. Especialistas explicam que as mudas que possuem melhoramento genético ou porta-enxertos, como nos citros e em frutíferas, dão mais uniformidade para as culturas, além de adiantarem o ciclo de produção.

“Vemos a importância da cultura de citros, como na laranja, que possui a técnica da enxertia, onde são plantas da mesma espécie e se faz porta-enxerto com o limão-cravo, por exemplo. A enxertia proporciona a uniformidade da árvore, dos frutos, já que possui características genéticas da planta originária e também antecipa o ciclo de produção”, explica

o diretor do Departamento de Sementes, Mudanças e Matrizes da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati), engenheiro agrônomo Gerson Cazentini Filho.

Como as mudas são a base da citricultura, o bom desempenho do pomar começa com o plantio de plantas saudáveis, livres de pragas e doenças. Além disso, pode ser fator limitante do sucesso da produção a não utilização de mudas e porta-enxertos sem qualidade genética. A laranja, por exemplo, tem árvores que podem ser produtivas por 15 ou 20 anos. Nos seringueiros, produtores paulistas têm investido em novos clones de mudas que dão mais produtividade ao cultivo da borracha natural.

*Fonte: *Jornal da Região, Cristina Cais.*

Lei simplifica a arborização na capital paulista

A Lei nº 17.794/2022 prevê mais agilidade no plantio, remoção, manejo e poda de árvores na cidade de São Paulo. Além de simplificar os procedimentos, permite que a fiscalização ocorra por meios eletrônicos. A nova legislação atualiza as normas anteriores, aprovadas em 1987, que não atendiam à nova realidade urbana. Agora, há regras claras para empresas concessionárias de serviços públicos fazer o manejo adequado de árvores, inclusive com a descrição detalhada dos procedimentos necessários.

Em vez de remover árvores que encobrem semáforos, postes de sinalização e placas de trânsito, entre outros mobiliários urbanos que interfiram nas vias e passeios públicos, a administração municipal analisará a possibilidade de remanejá-lo no mesmo local ou de executar a poda para aumentar a visibilidade e o acesso aos equipamentos e mobiliários.

O documento estabelece que a arborização ocorra a partir de diretrizes de plantio, previstas no Plano Municipal de Arborização, para priorizar as regiões mais carentes de áreas verdes e as espécies nativas do município. O objetivo é preservar, recuperar e aumentar as reservas dessas espécies. A Lei, que funciona como um código florestal urbano, foi publicada no Diário Oficial da cidade no dia 28 de abril 2022.

VOCÊ CONHECE A FUNDAG?

A Fundação de Apoio à Pesquisa Agrícola começou em 1991 e hoje caminha ao lado dos principais institutos de pesquisa, instituições de extensão, universidades e empresas públicas e privadas do meio agro em geral. Há 31 anos a Fundag vem contribuindo para o desenvolvimento do agronegócio, fomentando a ciência e a tecnologia do setor. São mais de 3 décadas proporcionando a inovação, sustentabilidade e crescimento da agropecuária e seu meio ambiente.

NOSSOS NÚMEROS

+1500

Projetos

+550

Parceiros

+15

Países

Números que reforçam nossa história, seriedade e transparência.

NOSSOS SERVIÇOS

GESTÃO DE PROJETOS

GESTÃO FINANCEIRA

GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS

GESTÃO DE BOLSAS

ASSESSORIA JURÍDICA

APOIO NA ORGANIZAÇÃO DE CURSOS E EVENTOS

APOIO E VENDA DE PUBLICAÇÕES

Entre em contato e conheça os nossos serviços!

fundag@fundag.br | +55 19 3739 8035

📍 Rua Dona Libânia, 2.017 - Campinas (SP)

A AEASP NA ERA DIGITAL

Com 78 anos de história, a AEASP mantém a tradição ao mesmo tempo em que acompanha as mudanças para dar continuidade à sua missão de valorização da profissão de engenheiro agrônomo e das atividades da agropecuária nacional.

Na era das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), sabemos da importância de nos comunicarmos bem em todos os canais e de ampliarmos o uso das ferramentas digitais. Por isso, a AEASP investiu na construção de um site, robusto, com diversas páginas que trazem informações úteis para os associados e para o público interessado no universo da agronomia.

Atualizamos as notícias e a agenda de eventos semanalmente nesta plataforma e em nossas redes sociais. No sítio, o usuário também pode acessar as versões recentes e antigas do nosso JEA.

E, para facilitar a vida do associado, no canto superior à direita, na home, é possível clicar na aba Sócio, na qual os associados da entidade criam seu login e senha para acessar a área restrita e baixar a segunda via de seu

boleto de anuidade. Por lá, os sócios também poderão atualizar seus dados cadastrais. Simples e prático.

<https://aeasp.org.br/>

Siga-nos também em nossas redes sociais:



FACEBOOK

<https://www.facebook.com/442610925831449/posts/2522780354481152/?sfnsn=mo>



INSTAGRAM

Siga-me no Instagram!

Nome de usuário: **aeaspng**
<https://www.instagram.com/aeaspng?r=nametag>



TWITTER

Confira AEASP: **@AEASP4**
<https://twitter.com/AEASP4?s=08>



LINKEDIN

<https://www.linkedin.com/company/aeasp>

UNIDOS E FORTES NA REPRESENTAÇÃO

A AEASP é a entidade que representa os engenheiros agrônomos no Estado de São Paulo e conta com o apoio dos associados e com a categoria, de maneira geral, para continuar a congregar os interesses dos profissionais da agronomia. Os engenheiros agrônomos que sabem da importância dessa representação podem colaborar com a entidade para que ela possa aprimorar o seu trabalho de valorização da categoria agrônômica.

Sem qualquer ônus para o profissional, basta somente preencher o campo 31 do formulário com o código 58 em todas as ARTs (Anotação de Responsabilidade Técnica) que assinarem.

O campo 31 destina 10% do valor da ART para entidades de classe. Contudo, se o emissor deixá-lo em branco, a alíquota não é repassada e vai direto para o Conselho Federal de Agronomia (Confea). Mas, se o engenheiro agrônomo optar diretamente pelo preenchimento da ART, estará ajudando sua entidade de classe, que é mais especializada e menos favorecida economicamente. Dessa forma, você colabora para manter o trabalho da AEASP na defesa e no desenvolvimento da agronomia e de seus profissionais.

Os tipos de ART específicos para o engenheiro agrônomo são as de obras, serviços, receituário agrônômico, desempenho de cargo/função e crédito rural. O profissional pode anotar quando for o responsável principal, corresponsável ou substituto.



Agrônomo

JORNAL DO ENGENHEIRO

PARA ANUNCIAR NO JEA OU RECEBÊ-LO, ENTRE EM CONTATO:

Rua 24 de Maio, 104 - 10º andar

CEP 01041-000 - São Paulo - SP

Tel. (11) 3221-6322 |

E-mail: secretaria@aeasp.org.br